



RELATIVIZANDO AS VIOLÊNCIAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE CONFIGURAÇÕES SOCIAIS RELACIONADAS A NOÇÕES DE VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE OSÓRIO/RS NO PERÍODO DO TURNO INTEGRAL.

Amanda Pires<sup>1</sup>; Leandro Forell<sup>2</sup>

### RESUMO

*O presente trabalho faz um estudo sobre as relações sociais de uma turma de Educação física do turno integral de uma escola localizada na Zona Rural do Município de Osório. Dentro destas relações sociais a violência neste ambiente se tornou o centro de controvérsias durante a pesquisa. Diante desta constatação procurou se compreender o conceito de violência, o que se considera violento e o que não se considera, quais os tipos de violência que encontramos no ambiente escolar e na visão dos alunos o que eles consideravam como violência no comportamento deles. Para a elaboração deste trabalho, foi utilizado como metodologia a inspiração etnográfica. As observações foram realizadas durante um período de quatro meses e todas estas análises foram descritas no diário de campo, onde era relatado, além disto, todas as questões que eram intrigantes naquele ambiente de estudo, onde se encontrou uma divisão entre grupos, que se dividiam entre os gêneros, faixa etária e questões de afinidades que se sobressaíam as duas outras variações. Era a partir destas divisões que alguns alunos controlavam a turma e utilizavam por muitas vezes da violência para exercer suas vontades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Violência. Relação de interdependência. Educação física. Configuração. Etnografia.*

<sup>1</sup> Pedagoga formada Pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Litoral Norte/Osório.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências do Movimento Humano Pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.



## ABSTRACT

*This work is a study of the social relations of a group of physical education of full-time at a school located in the country side of a city called Osório. Within these social relations, violence in this environment became the center of controversy during the research. In view of this finding is sought to understand the concept of violence, which is considered violent and is not considered, what types of violence found in the school environment and in the view of students what they regarded as violence in their behavior. For the preparation of this work was used as methodology ethnographic inspiration. During the four months the groups was observed and all these analyzes were described at the diary, where it was reported in addition, all the questions that were intriguing in that study environment where a division between groups was found, which were divided for gender, age and affinities of issues that stood out the two other variations. It was from these divisions that some students controlled the group and used often by violence to exercise their will.*

**KEYWORDS:** *Violence. Interdependent Relationship. Physical Education. Configuration. Ethnography.*

## RESUMEN

*El presente trabajo es un estudio sobre las relaciones sociales de una clase de educación física Del turno integral de una escuela localizada en la zona rural del municipio de Osório. Dentro de estas relaciones sociales, la violencia en este ambiente se torno el centro de controversias durante mi búsqueda. Delante de esta constelación procure entender el concepto de la violencia, lo que se considera violento y lo que no se considera, que tipos de violencia que encontramos ne ambiente escolar y en la visión de los alumnos, lo que ellos consideraban como violencia en sus comportamientos. Para la elaboración de este trabajo, utilice como metodología la inspiración etnográfica.*



*Durante um período de quatro meses me quede obsevanvando uma classe em todas estas análisis fueron descritas en mi diário de campo, dónde relataba, aparte de eso, todas cuestionnes que me intrigó em aquellos ambientes de estudio, donde encontré una sepación entre los géneros, grupo de edad y cuestionnes de afinidades que se sobresale lãs dos otras variaciones. Era a partir de estas fragmentaciones que algunos controlaban la clase y utilizan por muchas veces la violencia para ejercer sus voluntades.*

**PALABRAS CLAVE:** *Violencia. relación de interdependencia. Educación Física. Configuración. Etnografía.*

## INTRODUÇÃO

As narrativas sobre violência estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, uma situação que cada vez mais vem preocupando a sociedade contemporânea e a cada época ela vem surgindo com novas concepções. Vem se tornando em uma narrativa muito potente, no que se refere aos processos de controle social das pessoas. Deste modo, embora reconhecamos a mesma como um problema, não queremos neste artigo ter um posicionamento normativo sobre a mesma, mas sim discutir as possíveis relativizações e estranhamento produzidos a partir da violência. As características da violência são encontradas de diferentes formas, sendo que este fenômeno vai depender muito das questões culturais dos indivíduos que estão envolvidos nas situações de violência. De acordo com Abramovay e Castro (2006) as diversidades de abordagens contribuíram para que não se exista uma única definição para a violência. Deste modo, encontramos muitas explicações da definição do conceito de violência, por outro lado, dada a polifonia teórica, não procuramos compreender a partir de uma teoria específica, mas sim a partir de seus sentidos êmicos.

Em nossa pesquisa a controvérsia entre o que acreditávamos ser um ato de violência e o que os alunos da turma consideravam como violência esteve presente.

Realizada em uma escola Municipal no interior da zona rural do Município de



Osório/RS, fizemos o trabalho de campo durante a oficina de esporte do Programa Mais educação. Neste espaço diferentes turmas conviviam a partir da mesma proposta ao qual fizemos o trabalho de campo. Assim sendo, apresentamos nosso problema de pesquisa:

**Como se constituem as relações sociais ditas como violentas de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola municipal de Osório/RS ?**

Tendo como princípio metodológico uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica (ANGROSINO, 2009), realizamos um trabalho de campo de aproximadamente seis meses onde os registros foram realizados em diários de campo (WINKIN, 1998) sendo que as análises descritas neste artigo são fruto da produção de informações destes diários.

Tendo como referência Fonseca (1998) as categorias de análise emergiram a partir do trabalho de campo, ficando a violência sendo representada por configurações entre diferentes grupos de alunos. Na primeira categoria analisaremos as relações de gênero pautadas por identidades de gênero, na segunda por uma questão geracional e na terceira por hierarquias estabelecidas dentro dos grupos de gênero e etários.

### A DIVISÃO DOS GRUPOS

Durante o período de observações na turma de educação física do turno integral de uma escola na Zona Rural do Município de Osório, pudemos analisar as relações sociais existentes no ambiente onde a oficina era realizada, que era no ginásio da escola. Notamos durante este período que estas relações aconteciam de acordo com uma determinada ordem, sendo ela muitas vezes hierárquica, onde os alunos se dividiam em grupos de acordo com uma ordem de importância, no qual os que eram mais velhos organizavam esta divisão dos grupos. Esta separação acontecia também entre os gêneros femininos e masculinos. Em muitos momentos os líderes desses grupos utilizavam relativa violência para impor suas vontades. Nos diários de campo descrevemos



momentos de conflitos que aconteceram entre os alunos durante a observação e algumas conversas que tivemos com alguns discentes neste período.

Em uma das conversas que tivemos com uma aluna tentamos entender o motivo pelo qual aconteciam as brigas durante as aulas de educação física do turno integral.

No começo da aula sentei ao lado de uma aluna do 5º ano, turma mais velha da escola e comecei a conversar com ela sobre algumas coisas da escola, então perguntei se ela achava que a turma de educação física do turno brigava e se xingavam muito nas aulas, ela então respondeu “mais ou menos, às vezes brigamos, mas é porque os outros que não são do nosso grupo nos irritam muito, assim começam as nossas brigas”. Tentei me aprofundar um pouco mais na pergunta que fiz a ela, saber pelas próprias palavras da aluna o que significava “nos irritam muito”, mas ela disse que irritavam e mudou o assunto. (Diário de Campo 10/11/2015)

A afinidade que criamos com a turma observada assim como a relação que eles tinham entre si podem ser definidas como um conjunto de interações, contato, convívio dos indivíduos ou grupos sociais, elas se dão dentro de vários espaços como nas escolas, no trabalho, entre outros. Este vínculo pode ser representado de diferentes maneiras com diferentes indivíduos. As relações sociais são ontológicas para os seres humanos, podendo ser definidas como as ligações que são estabelecidas entre os indivíduos. Weber define este conceito como:

Por “relação” social entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável [...], não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade. (WEBER 1982, p.35)

Segundo o autor, as relações sociais são ligações de uma rede dos indivíduos, sendo que esta relação trás uma dependência de um ser para com outro. Para Weber é isto que mantém uma ligação entre os grupos humanos.

Em Norbert Elias (1990) as relações sociais como relações de interdependência que são concebidas por um processo. Ou seja, "estruturas sociais" e "indivíduo" (ou



seja: "ego" e "sistema social") que são concepções diferentes, mas inseparáveis. O autor trás em O Processo Civilizador como uma mudança nas relações/ cadeias de interdependência, aonde estas relações vão se modificando a partir deste processo.

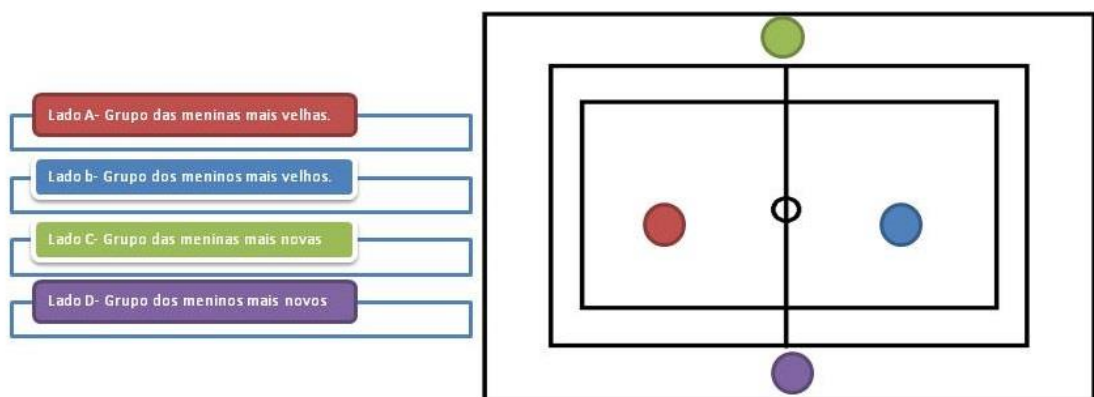
A escola é também um lugar de relações sociais, que como um estabelecimento de ensino contribui e promove a transformação social e define-se assim pelo trabalho que desenvolve. No trecho do diário de campo a seguir podemos observar tais relações, onde os alunos se dividem e formam grupos.

[...] depois de algumas repetições do jogo newcomb os alunos foram liberados para ficarem brincando na quadra. Foram disponibilizados algumas bolas e bambolês a eles. Os meninos do 5º ano foram jogar bola e chamaram apenas um do 3º que é amigo deles, os outros meninos ficaram brincando entre si e um ficou brincando sozinho. As meninas do 5º ano vieram reclamar falando que “a quadra deveria ser dividida em dois lados, um para elas e outro para os meninos, a professora disse a elas que faria isso e fez. As meninas do 5º ano

Figura 1- Desenho da localização dos grupos na quadra esportiva do ginásio.

ficaram sentadas conversando, algumas vezes elas saiam correndo e gritando, mas depois voltavam aos seus lugares. As do 3º ficaram brincando entre si com os materiais que foram liberados. (Diário de campo 17/08/2015).

Na ilustração que segue a baixo podemos analisar melhor a distribuição dos grupos na quadra esportiva do ginásio, que cito acima no trecho do diário de campo.





Nesta figura do diário de campo é possível constatar as relações sociais existentes no grupo de educação física do turno integral, que era constituída por alunos de três classes, sendo elas do 3º, 4º e 5º ano. Também podemos constatar que as devidas relações sociais ocasionavam a divisão de grupos, que nesta turma eram feitos pelos próprios alunos.

Normalmente a divisão principal dos alunos era entre o grupo dos meninos e o grupo das meninas, esses grupos eram normalmente compostas pelos alunos que estudavam na mesma série e cada turma se localizava em uma parte da quadra como podemos observar na ilustração acima. Sendo que no meio da quadra se posicionavam sempre os alunos mais velhos, que eram reconhecidos pelos próprios colegas como os mais fortes e com habilidades maiores nas práticas corporais, por isso se destacavam no grupo e se sentiam no direito de ocupar o lugar que quisessem, deixando as sobras para os outros da turma.

Os grupos principais nesta turma eram formados pelos alunos mais velhos, mais fortes, que tinham um desempenho melhor nas atividades físicas e normalmente eram os primeiros a serem escolhidos para os times, como dito anteriormente. Assim como nesta turma, existiam motivos vindos dos próprios alunos para designar os principais da turma, ao relacionar com os estudos do autor Norbert Elias que descreve o motivo que ocasiona a divisão entre dois grupos na comunidade de Winston Parva, que segundo ele “Em Winston Parva, entretanto, todo o arsenal de superioridade grupal e desprezo grupal era mobilizado entre dois grupos que só diferiam no tocante a seu tempo de residência no lugar.” (Norbert Elias, 2000, p.21). A superioridade em ambos os grupos é marcada por um fato em comum, sendo que em um os alunos com mais “soberania” são mais velhos e em outro os moradores com mais “soberania” residiam a mais tempo na comunidade.



## A DIVISÃO E O GÊNERO

A divisão entre meninos e meninas que observamos na passagem do diário de campo é definida como uma divisão entre os gêneros. O autor Lauretis trás uma reflexão sobre este termo, que para ele:

[...]. O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação [...] o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer [...] Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe. (LAURETIS, 1994, p. 210).

No artigo “A Construção do Gênero no Espaço Escolar”, dos autores Ileana Wenez e Marco Paulo Stigger, que falam sobre a divisão de espaços entre os gêneros, os autores apontam:

Barrie Thorne (1993) estudou o pátio de escolas norte-americanas e observou que meninos ocupavam dez vezes mais espaços do que meninas, principalmente os espaços esportivos. Em relação a esse aspecto, Elisabeth Grugeon (1995) entende que, com um simples olhar no pátio do recreio, é possível observar agrupamentos de meninas que denotam certa intimidade e meninos correndo de um lado para o outro. Isso também pôde ser observado na escola pesquisada, onde os meninos ocupam mais as quadras esportivas; quando não ocupam as quadras, utilizam mais os espaços, seja correndo, seja dando grandes chutes na bola de um canto ao outro do pátio. Enquanto isso, as meninas aparentam uma maior intimidade, pois ficam em grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé, mas sempre conversando. (ILEANA WENETZ, MARCO PAULO STIGGER, 2006, p.11).

Esta organização de espaços que é descrita pelos autores é um pouco diferente da que foi ilustrada na figura 1, que foi retirada do diário de campo, que mostra que os meninos mais velhos dividem a quadra igualmente com as meninas mais velhas e nas laterais ficam os meninos e meninas mais novos dividindo o espaço que restante, mas em algumas vezes aconteceram momentos em que os grupos invadiam os lados e assim





começavam as discussões e normalmente eles iam até a professora reclamar sobre a suposta invasão.

As meninas do 5º ano foram reclamar para a professora que os meninos estavam invadindo a quadra com a bola de futebol. A professora chamou a atenção dos meninos para que ficassem somente do lado deles da quadra. (Diário de Campo 17/08/2015).

Em outra passagem do diário de campo a divisão entre os gêneros é bem visível, sendo que eles acabam até mesmo entrando em um conflito quando não estão de acordo com a decisão tomada por um dos grupos.

No momento que os dois foram pegos nesse jogo e deveriam ficar paralisados esperando que alguém fosse salvá-los eles saíram da quadra e foram sentar nas cadeiras enquanto os colegas continuavam jogando. A professora foi até eles para conversar, disse que se eles não parassem de incomodar na aula e se não voltassem para o jogo iria mandar os dois para a secretaria. Eles falaram “não é justo jogarmos só o que as meninas querem, sempre fazemos tudo que elas querem”. A professora disse que não foram só as meninas que votaram naquela brincadeira e um deles disse “os meninos que votaram fizeram isso porque são viados.

Quando os outros dois times estavam jogando, os dois meninos do 5º voltaram a incomodar, falando que iriam bater nas meninas, começaram a puxar pelo braço e o cabelo. Uma delas foi até a professora reclamar, então a diretora foi chamada, a turma toda foi reunida a situação foi explicada para a diretora, a professora disse que não estava conseguindo dar a aula porque os meninos, principalmente os dois alunos do 5º ano não paravam de incomodar, ficavam ameaçando as colegas. (Diário de campo 25/08/2015)

Quando as atividades não agradavam um dos grupos principais, como aconteceu no trecho citado acima, os alunos entravam em conflito, muitas vezes assim como os meninos não queriam participar das atividades propostas pela professora pelo fato de ser uma brincadeira que foi escolhida pelas meninas ou por ser uma atividade que um dos grupos gostava mais, assim as brigas começavam, chamavam os colegas que ficavam do lado das meninas de “Viado<sup>3</sup>”, para fazer com que eles se sentissem constrangidos na

<sup>3</sup> Viado era um termo utilizado pelos alunos da escola onde a pesquisa foi realizada para comparar os alunos a homossexuais.



frente da turma e talvez mudassem a sua opinião e aceitassem o que os meninos mais velhos queriam fazer e havia a necessidade de ter a intervenção da professora.

Em *Estabelecidos e Outsiders*, Norbert Elias, descreve a formação das relações dos moradores de Winston Parva, que são divididos entre os “bons e ruins”, podemos relacionar esta obra com o conflito relatado acima no diário de campo, onde um grupo de alunos que se acham melhores dos que os outros por serem mais velhos, fortes e terem maiores habilidades nas atividades físicas do que seus colegas, quando ficam descontentes com as atividades das aulas, por se sentirem no direito de decidirem tudo começam a brigar com os outros colegas pressionando-os a fazer o que eles querem e não aceitam o que é decidido pelos outros da turma, dos quais eles julgam serem mais fracos. Segundo Elias sobre a divisão em Winston Parva:

A descrição de uma comunidade da periferia urbana apresentada neste livro mostra uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior — o carisma grupal distintivo — que o grupo dominante atribuía a si mesmo. (ELIAS, 2000, p. 19).

Assim como a divisão que existia na comunidade de Winston Parva, pelos moradores que eram mais velhos e se achavam superiores aos outros, encontramos esta divisão na turma de Ed. Física do turno integral, onde encontramos nos relatos a divisão entre os gêneros e os que se acham superiores aos outros que sempre querem comandar a turma e quando não conseguem o que querem usam a violência para impor as suas vontades. Esta violência de imposição é definida por Bourdieu (1982) como violência simbólica, que é praticada não só pelos professores, mas também por alunos.

Normalmente os que eram considerados inferiores na turma se aceitavam nesta condição. Assim como os recém chegados em Winston Parva, segundo Elias:

Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como "os de fora". Esses próprios recém-chegados, depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de



menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria. (ELIAS, 2000, p. 20).

Como era a minoria, mais novos e fracos, tantos os alunos dos quais eu observei, quanto os moradores de Winston Parva, sediam aos comandos do outro grupo que era o mais forte, mas quando os meninos e meninas mais velhos entravam em conflito normalmente havia a necessidade de intervenção dos professores, pois um grupo não se curvava ao outro por serem ambos os que lideravam a divisão entre os gêneros.

Segundo a autora Guacira Louro é durante a educação física que se constitui um campo onde, se ressaltam de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres. Louro sugere que, se em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes ser feita por meio de discursos implícitos.

[...] nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações. (GUACIRA LOURO, 1997, p. 72).

Durante a educação física a resistência por parte dos alunos em participar de atividades que envolvam meninos e meninas é grande. Muitas vezes eles não aceitam por considerarem ser uma atividade que seja do outro sexo.

Segundo a autora Silvana Goellner, em seu artigo Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades:

Por certo que a prática esportiva feminina não é novidade deste século nem do passado, no entanto, é somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como “essencialmente” masculino. (SILVANA GOELLNER, 2005, p.2).

É a partir do século XX que as mulheres passam a ter um espaço maior nos esportes, mas até hoje encontramos uma resistência a elas nas práticas esportivas e algumas atividades são tachadas como femininas. Assim como os meninos da turma que



observamos, se opuseram a participar da aula por considerarem a “barra bandeira” uma atividade tida feminina.

Em nossa sociedade existe esta divisão das atividades por gêneros, onde determinadas coisas são consideradas do sexo feminino por serem mais fáceis e precisarem de um esforço físico menor e outras do sexo masculino que necessitam de maior força e agilidade. Para Elias (1985), o processo civilizador estabelece estas regras a sociedade e as maneiras como os indivíduos se comportam, fazendo com que suas emoções sejam controladas em tudo aquilo que se é considerado e encarado como atividades sérias da vida, que para as crianças, as atividades sérias que eles têm nesta fase seriam as que estão ligadas diretamente à escola.

Portanto podemos entender a aula de educação física, como um lugar, onde encontramos a divisão clara entre os gêneros, no lugar em que a identidade do masculino em oposição à identidade do feminino se reforça. Para Bourdieu:

A instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou um estigma (você não passa de um...), é a imposição de um nome, isto é de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. (BOURDIEU, 1998, p.100).

Desta maneira, a identidade que é criada tem como uma obrigação, um papel a seguir, gerar um sentimento de pertencimento a um grupo e não a outro. Onde os meninos devem participar de determinadas atividades e as meninas de outras, cada um de acordo com o seu gênero.

## OS GRUPOS ETÁRIOS

A principal divisão dos grupos da turma de Educação Física do turno Integral era a de gêneros, mesmo está sendo a principal divisão em alguns momentos acontecia de se encontrar alunos de turmas e gêneros diferentes integrados em um mesmo grupo. Normalmente dentro desta integração aconteciam muitas brigas entre os membros



diferentes. Os alunos que comandavam estes grupos sempre eram os mais velhos ou que se destacavam por serem melhores em alguma atividade. Quando aconteciam às tais brigas nos grupos os mais novos sempre acabavam sendo excluídos, ficando de fora. Segundo o relatamos no diário de campo:

A professora precisou fazer uma substituição, pois a aluna que estava no time não parava de chorar. Ela se sentou ao lado da professora que estava próxima a mim, ela então perguntou o que havia acontecido, mas como a menina chorava demais eu e a professora não conseguíamos entender nada do que ela falava, a professora então disse para ela ir no banheiro lavar o rosto, ela foi, então a docente perguntou para a colega o que havia acontecido, a menina contou que ela brigou com as meninas da outra turma e não estava mais participando do grupo. (Diário de Campo 01/09/2015).

Durante as observações constantemente casos assim aconteciam, os alunos brigavam dentro do seu grupo e acabavam excluindo o mais novo ou da turma inferior a sua, construindo assim uma relação de dependência dos que eram excluídos a eles. Assim eles acabavam se favorecendo, pois os colegas com medo de serem excluídos acabavam cedendo às vontades dos que comandavam os grupos.

Como dito anteriormente neste capítulo, às relações de dependência são consideradas pelo o autor Norbert Elias como relações de interdependência. Segundo Elias “a rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Eles formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (Elias, 1990, p. 249).

Para Elias (1990), as atitudes dos seres humanos podem ser explicadas, a partir das relações de interdependências e figurações que formam entre si. As pessoas formam várias ordens sociais, que a cada período histórico estas ordens ocorrem de maneiras diferentes. Estes processos de mudanças acabam gerando nas estruturas da personalidade as mudanças nos comportamentos e hábitos individuais. Elias utiliza este pensamento para descrever as mudanças que a sociedade sofre constantemente, em questões de comportamento e padrões.



Os alunos, considerados os líderes, necessitavam desta relação que mantinham de interdependência com os seus colegas, mesmo os outros sendo mais novos ou mais fracos, eles eram importantes para que os mais velhos, mais fortes se mantivessem como representantes do grupo.

Esta relação de interdependência, também é encontrada nos estudos feitos na corte do Rei Luís XIV, que deu origem ao livro de Norbert Elias “Sociedade e Corte”, onde o autor cita em uma das suas passagens que “um homem na posição de rei não exercia de forma alguma o poder absoluto, no tempo de Luís XIV” (1983, p.46), desta maneira consideramos que até mesmo o rei para poder governar dependia da sua corte, assim como os alunos mais velhos que comandam a turma, dividiam os grupos e tinham o poder de excluir ou incluir pessoas, mas dependiam de toda sua “corte” para continuar no comando.

Em outra passagem do diário de campo, meninos do mesmo grupo se juntam para perturbar outro componente.

Enquanto a professora ficava anotando os pontos do jogo, os meninos do time que esperavam para jogar começaram a gritar e a puxar a cadeira do colega para que ele caísse, a professora chamou a atenção deles, mas como não adiantou ela foi até eles, um aluno disse a ela que foi o outro que começou, ela disse para pararem ou não teriam recreio na próxima aula. (Diário de campo 15/09/2015).

No estudo “Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente” de Ana Carina Stelko-Pereira, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque William da Universidade Federal de São Carlos, trás que a definição exata sobre violência escolar ainda não existe, depende muito de aspectos culturais, históricos e individuais, o que podemos é observar os atos cometidos pelos alunos, considerando todo o seu entorno, para assim então julgar se é ou não violento. No fragmento acima do diário de campo onde os alunos puxam a cadeira do seu colega com o intuito de que ele caia no chão pode ser considerado como um ato violento, pois além da perturbação se o menino caísse no chão, ele poderia se machucar o que agravaria a situação.



Segundo Charlot (1997) as diferentes concepções de violência existentes são difíceis de serem analisadas, onde nem sempre é fácil separar a análise dos fenômenos.

Em outro registro.

Quando a bola pegou em um aluno ele deveria sair, pois esse é o objetivo do jogo, só que o menino não queria sair, a professora que estava conversando com outra menina que já havia saído, quando viu os colegas já estavam gritando e xingando o menino que deveria sair da roda, pois foi atingido pela bola. Dirigiu-se até eles, o menino já estava chorando e gritando com o colega que o xingava. Então ela conversou com os alunos, disse que não era para eles agirem daquela maneira, era só para pedir para o colega sair e não começar a gritar e xingar, pediu para o menino que chorava ir no banheiro e lavar o rosto, e o jogo continuou.

Os alunos ficaram falando que o colega era um chorão, a professora pediu para que não fizessem assim. Quando o menino saiu do banheiro ela foi falar com ele, disse que na brincadeira todos que eram atingidos pela bola saíam da roda, que era só uma brincadeira que ninguém precisava chorar, pois depois iriam jogar novamente. O menino não disse nada, mas parou de chorar. (Diário de Campo 25/08/2015).

Mesmo os alunos que eram do mesmo grupo, que aparentemente mantinham um bom relacionamento, frequentemente discutiam. Isto acontecia quando os líderes do grupo não aceitavam alguma atitude de outro colega e o resto da turma apoiava os mais velhos, como no caso que é descrito acima. Quando um aluno não quis sair do jogo, desagradou o seu grupo e acabou sendo insultado pela maioria.

De acordo com o artigo “O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados” de Maria José D. Martins, a violência escolar é encontrada em múltiplos fenômenos relacionados, mas apresenta graus de gravidade e diferentes causas. Na narração acima os alunos não agrediram o outro colega, mas utilizaram-se de xingamentos para menosprezar o outro, a gravidade desta ação pode ser pensada com pequena, mas não deixa de ser considerada como violenta.



Abramovay e Castro (2006) discorrem que a sociedade hoje pode nos parecer mais violenta, por existir, uma percepção e maior atenção em relação a todas as ações e atos praticados na sociedade, que antes eram ignorados e passavam despercebidos e assim não eram qualificados como atos de violência.

Estas transformações que observamos em relação à violência, vêm a partir de um processo civilizatório, que segundo Norbert Elias (1990), onde ele destaca que estas transformações constantes na civilidade humana, oportunizaram a recente fase de civilização e o desenvolvimento da nossa época atual. Deste modo, o que antes considerávamos como violência foi se modificando até chegar neste impasse que temos hoje, onde não encontramos a definição exata para este termo.

Contudo o autor fala que este processo não é um trabalho realizado por uma única pessoa ou um grupo, mas sim a somatória de todas estas as ações e transformações das pessoas, dos grupos que permitiu a criação da atual civilização. Segundo Elias:

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas. (ELIAS, 1990, p. 193- 194).

O que podemos observar nesta citação de Elias, em relação ao processo civilizador é um problema geral da mudança histórica. Onde o autor explica que as questões da transformação estão ligadas ao entrelaçamento dos planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas de modo cordial ou adverso. A ligação entre estas mudanças individuais vai dando origem as modificações da nossa sociedade, mesmo sendo de maneira não intencional.





Em um outro momento do diário de campo, observa-se uma situação onde os alunos questionam a professora sobre o comportamento que eles apresentam.

Como os alunos já chegaram se empurrando e as meninas gritando no ginásio, antes de a aula começar, a professora conversou com eles sobre aquele comportamento, perguntou se iriam se acalmar para que pudessem continuar a aula e eles falaram quem sim. Um aluno disse “hoje a outra professora não reclamou do nosso comportamento, não precisamos correr na quadra.” A professora disse que não havia reclamações do comportamento e que não iriam correr na quadra e fazer alongamentos para começar a aula. (Diário de Campo 10/08/2015).

Em relação à informação evidenciada neste trecho, os alunos mesmo os que pertenciam ao mesmo grupo chegaram à aula discutindo e se empurrando, mas o que mais chamou a atenção não foi está atitude dos alunos, entretanto a fala deles, em relação à punição que tiveram em outra aula quando a professora utilizou de uma atividade física, a corrida, como forma de punição ao mau comportamento dos alunos em outras aulas. Podemos observar que existe comunicação entre os professores em relação à conduta dos alunos e que pode se existir uma punição quando eles têm atitude que não é considerada como correta.

A atitude que a professora toma ao mandar os alunos correrem como uma forma de castigá-los pelo mau comportamento pode ser entendida segundo Bourdieu como um ato de violência simbólica, onde o docente impõe aos seus alunos que eles façam algo do qual eles não querem.

A exclusão de alguns alunos de todos os grupos que existiam na turma de Educação Física do turno integral, era muito clara nas horas das atividades, quando sobrava um desses que eram excluídos nenhum dos grupos queria em seu time:

Depois do boliche a brincadeira foi o jogo das bolas, a professora deixou que eles escolhessem o time. Como o número de alunos era ímpar sobrou um menino que é excluído da turma. O menino que acha que “é o melhor da turma” disse para o outro time “pode ficar com a princesa”. Ele chamou o colega de princesa porque o menino tem o cabelo comprido. Após as escolhas dos times a turma começou a jogar. (Diário de Campo 03/11/2015).



Quando o aluno chama o outro de “princesa”, ele tem a intenção de humilhar o outro na frente da turma, para mostrar como é superior ao seu colega que fica calado e não reage.

A atitude do aluno em chamar o outro de “princesa” é considerada como Bullying, que é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, que segundo Fante (2005), é um acontecimento que está presente na realidade das escolas, independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza ou se são séries finais ou iniciais ou ainda se a escola é pública ou privada

Abramovay e Castro (2006), explicam que devemos aceitar uma visão vasta da violência escolar, que incorpore a violência física, ou violência dura; a violência simbólica ou institucional, ou o bullying que é caracterizado por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito. Todos estes segmentos fazem parte dos atos que são considerados como violentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rememorando nosso problema de pesquisa, podemos afirmar que no caso estudado há uma configuração social que proporciona uma divisão de grupos pautados ora por identidades de Gênero ora por faixa etária. Esta configuração é alicerçada por uma cadeia de interdependência onde algumas crianças se colocam em posição hierárquica diferenciada.

Antes de compreender os fatos narrados como positivos ou negativos, interessa-nos problematizar a relativização da noção de violência. Tendo em vista que os fatos narrados apontam que do ponto de vistaêmico, as crianças na maioria das vezes não reconheciam suas ações como violentas. Esta naturalização, por sua vez, também é percebida nas representações das professoras.



Por fim, o contexto rural sul riograndense, marcado em alguma medida por um machismo cultural se constitui como pista para o aprimoramento futuro desta pesquisa. Sendo este relato, uma provocação para pensar as relações entre crianças em escolas de contexto cultural parecido.

#### REFERÊNCIAS.

- ABRAMOVAY, M. CASTRO, M. G. **Cotidiano das escolas: entre violências.** **Brasília:** UNESCO; Observatório de Violência; Ministério da Educação, 2006.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas.** Trad. Sergio Miceli (et al) 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998
- CHARLOT, Bernard; **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** **Sociologias,** Porto Alegre 1997.
- ELIAS, N. **Sociedade e Corte.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983.
- ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação.** Lisboa, DIFEL, difusão editorial, Ltda. 1985.
- ELIAS Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- ELIAS, Norbert. SCOTSON, John.L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2ª edição. Campinas. Editora Versus. 2005.
- FONSECA, Claudia. **Quando cada caso Não é um caso : pesquisa etnográfica e educação.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 10, 1998.



GOELLNER, Silvana. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo. 2005.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**. Teoria e Educação, no 6. Porto Alegre, 1992, pp. 53-67.

MARTINS, Maria José D. **O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 18. 2005.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente**. Universidade Federal de São Carlos.

WEBER, Max. **Estado Nacional y política econômica**. Escritos políticos I, México: Folios, 1982.

WENETZ, Ileana Marco Paulo Stigger. **A Construção do Gênero no Espaço Escolar**. Movimento Revista da Escola de Educação Física- UFRGS. 2006

WINKIN, Yves. **Descer ao campo**. In: WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

Email para contato: [lforell@hotmail.com](mailto:lforell@hotmail.com) e [amandapyress@hotmail.com](mailto:amandapyress@hotmail.com)